

## uma temporada decisiva: rimbaud e a comuna de paris

*gustavo simões*

Apenas dois dias separam a correspondência do jovem poeta Arthur Rimbaud a Georges Izambard e Paul Demeny. Enviadas no calor da Comuna de Paris, em 13 e 15 de maio de 1871, ambas as cartas são fortemente marcadas pelo acontecimento *communard*. “Eu serei um trabalhador: esta é a ideia que me detém quando as fúrias loucas me empurram em direção à batalha de Paris, — onde tantos trabalhadores ainda morrem enquanto eu lhe escrevo!”<sup>1</sup>, declarou a Izambard. Para Demeny, o poeta, após apresentar seu recente “Canto de Guerra Parisiense”, afirmou: “o poeta faz-se *visionário* por um longo, imenso e racional *desregramento* de todos os *sentidos*. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca a si mesmo, acaba-se em todos os venenos para guardar somente a quintessência”.<sup>2</sup>

Segundo Claudio Willer, apesar da adesão irrestrita à Comuna — “a Comuna atraía como a destruição”<sup>3</sup> —, o poeta não conseguiu tomar parte no fogo espalhado por Paris. Mas foi por pouco, como mostrou Jean-Baptiste

*Gustavo Simões é pesquisador no nu-sol e doutor em Ciências Sociais pela PUCSP.  
Contato: gusfsimoes@gmail.com.*

uma temporada decisiva: rimbaud e a comuna de paris

Baronian. Um mês antes da irrupção *communard*, Rimbaud parte de sua cidade, Charleville, pela segunda vez (na anterior foi preso por vadiagem), rumo à capital francesa. Perambula por dias, dorme pelas ruas. Retorna uma semana antes do dia 18 de março, data identificada como o início da experimentação radical. Mesmo à distância, no interior, se empolga com as notícias e a possibilidade de escrever sobre elas em um pequeno jornal, *Progrès des Ardennes*. Contudo, o jornal é proibido por autoridades devido à sua orientação socialista. E assim, sem nem começar no emprego, animado por Charles Bretagne, um trabalhador de uma fábrica de açúcar, anticlerical ferrenho e frequentador do bar onde os integrantes do *Progrès* se encontravam, Rimbaud escreve a Paul Verlaine.

Em 1871, Verlaine já havia publicado quatro livros. O autor de *Poemas Saturninos* (1866) não somente responde ao então desconhecido de Charleville como o convidado para uma temporada em Paris. Assim, em setembro, quatro meses depois da Comuna, da qual Verlaine, amigo de Louise Michel, participou ativamente como Chefe do Departamento de Imprensa, ocorre um dos encontros mais conhecidos da história da literatura francesa. Em pouco tempo, os dois tornam-se um par inseparável pelas madrugadas da cidade. Diante dos escândalos proporcionados por Rimbaud, desde o estranho modo de se vestir, passando pelo roubo sistemático de bebidas do “Círculo Zútico”, uma associação de poetas simbolistas, até o episódio dos “Vilains Bonshommes”, no qual, durante um comportado sarau interrompeu uma leitura de poesia bradando “que merda”, para depois ferir um dos poetas com uma espada, Verlaine não hesita. O já respeitado poeta *communard* fica ao lado do jovem desconhecido. Por fim,

a intensa convivência faz com que partam juntos, Verlaine deixando o casamento e um filho pequeno, rumo à Bélgica.

Neste momento, em 1872, no país vizinho da França, abrigo de inúmeros militantes exilados, Verlaine retoma os laços com os comunistas “irredutíveis”. A aproximação com *communards* como Benjamin Gastineau, amigo de Pierre-Joseph Proudhon, integrante do *La Voix du peuple*, diretor das bibliotecas municipais durante a Comuna, fez com que também Rimbaud experimentasse, em bares repletos de cerveja e absinto, um tanto do calor da revolta. Vale registrar: Proudhon foi uma das primeiras leituras do jovem poeta na biblioteca de Charleville.

O reencontro com Gastineau, entre outros, empolgou Verlaine. Decidido a escrever suas memórias das agitações de 1871, escreveu à esposa Matilde solicitando suas anotações. Recebe de retorno o aviso de que a família pretende buscá-lo e salvá-lo do seu “triste relacionamento”<sup>4</sup>, relação que deve “infallivelmente conduzi-lo a loucura”<sup>5</sup>. O fato é que a paixão entre Rimbaud e Verlaine não incomodava somente a família. Apesar da abolição da chamada polícia dos costumes, da guilhotina e dos monumentos militaristas napoleônicos, muitos *communards* ainda reagem às transformações nas maneiras de se relacionar. “[Rimbaud e Verlaine,] nos dias que se seguem, continuam se exibindo nos cafés e bares da cidade, e não hesitam nem mesmo na rua, a se comportar como namorados. Verdadeiros namorados, aliás, o que não agrada em absoluto aos comunistas, um tanto rigorosos no que se refere às questões morais”.<sup>6</sup>

O par de poetas escapa das perseguições de Matilde. Vivem por algumas semanas em Londres. Embriagados,

uma temporada decisiva: rimbaud e a comuna de paris

transitam com *communards* radicais como, na época, o bakuninista, Eugene Vermesch. Após desentendimentos e desencontros, a dupla acaba novamente em Bruxelas. Na cidade ocorre a ruptura definitiva, selada com Verlaine disparando dois tiros contra o amante dentro de um quarto de hotel. Rimbaud, com menos de vinte anos, retorna à França para escrever a sua *temporada no inferno*. Terminada a redação, regressa a Bruxelas, onde entrega o manuscrito na *Alliance Typographique*. Na tipografia, célebre, sobretudo, por sua proximidade de um bar frequentado por *communards*, pagou o serviço com os poucos recursos que tinha na ocasião. “É claro que a edição será por conta do autor”, Jacques Poot anuncia de pronto. Mas Rimbaud não se ofende. Verlaine já o advertira quanto a isso, repetindo diversas vezes que procedeu assim com os *Poemas Saturninos*, *As festas galantes* e *La Bonne Chanson*.<sup>7</sup>

...

Os percursos de Rimbaud citados acima, de 1871 até 1874, exibem o que muitas vezes a história apaga. Na maioria das vezes sob a pecha de escandaloso, a própria análise historiográfica se afasta do escândalo e, desta maneira, perde a leitura de uma afirmação ético-estética das mais singulares. Larissa Drigo Agostinho, em *Desejos Ingovernáveis: Rimbaud e a Comuna de Paris*, não perdeu esta perspectiva. Seu texto reitera que a ocupação rebelde em 1871 não foi somente assunto de uma troca de cartas do jovem Rimbaud. Para ela, a Comuna, os efeitos posteriores da transformação radical ocorrida ao longo de quase três meses, os encontros com os exilados, a coexistência

com o *communard* Verlaine, mobilizaram a escrita do *enfant terrible*.

No ensaio, seguido de uma nova tradução de *uma temporada no inferno*, Agostinho descreve a criação pelas autoridades de Versailles e proprietários da imprensa da imagem da “*petroleuse*” — da “mulher incendiária” de prédios estatais. Apesar das mulheres negarem as acusações, Louise Michel reivindicou sua participação nos incêndios parisienses. A reivindicação da comunista, que se tornaria anarquista depois da Comuna, inverte a relação de forças, valoriza uma ação revolucionária frente a frente com a sociedade que a julga. Rimbaud, um admirador das *petroleuses*, “eu me armei contra a justiça. Fugi. Ó bruxas, ó miséria, ó ódio, a vocês meu tesouro foi confiado!”<sup>8</sup>, foi um dos mais corajosos defensores de *communards*. E após a semana sangrenta — repressão estatal que culminou com mais de trinta mil mortos, incluindo crianças —, as imagens “de homens e mulheres bêbados, perdidos, marginais e criminosos, que visavam difamar todos aqueles que se engajavam”, foram valorizadas pelo poeta. Feito Louise Michel resistindo ao tribunal, as imagens em seu texto vão “tornando-se objeto de afirmação”<sup>9</sup>.

Para além de tal alteração de valores, em relação aos desdobramentos da Comuna, podemos associar Rimbaud ainda mais a um certo radicalismo característico da década de 1870, muito mais próximo dos anarquismos do que do chamado socialismo autoritário. Em especial, se pensarmos em seus questionamentos anticlericais e anti-patrióticos. Sobre a França e a Europa, Rimbaud conclui: “agora sou maldito, tenho horror à pátria. O melhor é um sono bêbado, numa praia qualquer”<sup>10</sup> ou, “o mais esperto é

uma temporada decisiva: rimbaud e a comuna de paris

deixar este continente onde ronda a loucura que faz esses miseráveis reféns”<sup>11</sup>.

A partir dos *Desejos Ingovernáveis* é possível ainda, por meio dos textos do poeta, aproximá-lo, mesmo que circunstancialmente, à formulação do *outro* pelo anarquista Mikhail Bakunin. Citando um ensaio de Bakunin publicado em *verve*<sup>12</sup>, Agostinho associa brevemente Rimbaud ao ácrata russo para quem “a [liberdade] encontra ‘no outro sua confirmação e sua extensão até o infinito’. Em Rimbaud, a imaginação poética se alimenta justamente dos outros, os outros que estão de alguma maneira excluídos da vida social (...) Eis a razão pela qual sua rebeldia [a de Rimbaud] ataca toda forma de autoridade, as políticas e as morais, visando derrubar todos os ‘ídolos celestiais ou terrenos’ e fundar um mundo novo”<sup>13</sup>.

Após a publicação de *uma temporada no inferno*, Rimbaud abandona definitivamente a Europa e a literatura. Durante a década seguinte, em que completou seus vinte anos, viaja, entra e depois deserta do exército holandês, circula com um circo pela Escandinávia, se desloca até o Egito e Oriente Médio até, finalmente, chegar a seu último destino, a Abissínia, onde, com trinta anos, se torna comerciante de café e traficante de armas. Durante esses trajetos nenhum poema sequer.

Esta nota, porém, visa sublinhar o poeta radical do início dos anos 1870. As aventuras posteriores dariam uma outra conversa, visto que, nem mesmo amigos próximos, como os escritores René Char e Albert Camus, se afinam ao comentar os deslocamentos de Rimbaud pela África. “Fizeste bem em partir, Arthur Rimbaud! (...) Tiveste razão em abandonar o bulevar dos preguiçosos, os bote-

quins, os mija-liras, pelo inferno das feras, pelo comércio dos espertos e o bom dia dos simples. Este impulso absurdo do corpo e da alma, esta bala de canhão que explode seu alvo, sim, é isso mesmo a vida de um homem! Não se pode, indefinidamente, saindo da infância, estrangular seu próximo. Se os vulcões mudam pouco de lugar, sua lava percorre o grande vazio do mundo levando virtudes que cantam em suas feridas. Fizeste bem em partir, Arthur Rimbaud! Ainda há quem creia, sem provas, que contigo a felicidade é possível”,<sup>14</sup> escreve Char. “Vamos deixar claro (...) Rimbaud só foi o poeta da revolta em sua obra”, argumenta Camus. “Aquele que exultava nos suplícios, que havia ofendido Deus e a beleza, que se armava contra a justiça e a esperança, que se fortalecia no duro ambiente do crime, quer casar com alguém que ‘tenha futuro’. O mago, o vidente, o prisioneiro intratável, sobre o qual a prisão sempre volta a se fechar, o homem-rei da terra sem deuses, nunca deixa de carregar oito quilos de ouro em um cinto que lhe pesa no ventre e do qual se queixa dizendo que provoca diarreia (...) Grande e admirável poeta, o maior de seu tempo, oráculo fulgurante, eis o que é Rimbaud. Mas ele não é o homem-deus, o exemplo feroz, o monge da poesia que nos quiseram apresentar”<sup>15</sup>, concluiu.

Distante da Europa, quase uma década depois da ida à tipografia vizinha ao antro *communard*, em 1886, Rimbaud não soube, mas, foi Felix Fenéon, jornalista e crítico de arte anarquista, o primeiro editor das suas *Illuminuras*.<sup>16</sup> Fenéon, um dos mais ativos anarquistas pós-Comuna, era amigo próximo de artistas radicais como Camile Pissarro e poetas como Stephan Mallarmé. No início da década seguinte, acompanhou as movimentações de Ravachol e

uma temporada decisiva: rimbaud e a comuna de paris

Émile Henry, filho do *communard* Fortune Henry. Após a Comuna de Paris, depois das violências sistemáticas do Estado contra os anarquistas nos anos 1870 e 1880, Émile Henry decidiu atacar. Responsável por inúmeras bombas detonadas em cafés burgueses, o jovem, como Rimbaud, também escrevia poemas.

Durante o “Julgamento dos 30”, em 1894, momento do aumento expressivo da repressão estatal aos libertários, sob a justificativa de combater a chamada “propaganda pela ação”, o “terrorismo anarquista”, Mallarmé, contemporâneo de Rimbaud, depôs a favor de Fenéon, um dos acusados pelo Estado de subversão e conspiração. Na época, a um jornalista, o inventor de *um lance de dados*, declarou: “Fala-se, segundo você, de detonadores. Certamente, não havia para Fenéon, melhores detonadores do que seus artigos. E não creio que disponhamos de arma mais eficiente do que a literatura”.<sup>17</sup>

...

Apesar de todo esforço em se afastar da Europa, Rimbaud morreu em 1891, em Marselha, com 37 anos de idade, em decorrência de um câncer. Ao longo do século XX, a sua poesia acendeu de surrealistas, nos anos 1920 e aos beats nas décadas de 1940 e 1950. Na década de 1960, Bob Dylan, Jim Morrison e Patti Smith incorporaram seus textos e alguns dos seus questionamentos ético-estéticos. No Brasil, Hélio Oiticica, pouco tempo depois, inscreveria na cabeceira de uma de suas invenções, a qual chamou de NINHOS, as seguintes linhas copiadas das *Iluminuras*: “nós temos fé no veneno. Sabemos entregar nossas vidas todos os dias”.<sup>18</sup>

Entre os anarquistas, dois ácratas jamais esconderam a paixão pelo poeta: Léo Ferré e Roberto Freire. O primeiro lançou em 1964, um disco com poemas de Verlaine e Rimbaud e, mais tarde, em 1991, no seu último trabalho fonográfico, trechos musicados de *une saison en enfer* (*uma temporada no inferno*). Freire situou Rimbaud em seu romance mais conhecido, *Cléo & Daniel* (1965), e nos ensaios de *vive eu viva tu viva o rabo do tatu* (1977). Todavia, foi em *Coiote*, a partir do jovem personagem que abandona a vida no interior da família e nas cidades para experimentar uma outra existência, anarquista, em Visconde Mauá, que o poeta é afirmado com mais intensidade. Coiote revela um importante conceito que acompanhará Freire até seus últimos escritos. O conceito de protomutantes — “mutantes que estão na frente, já possuem características de um novo homem e que denunciam e rompem rapidamente com a mentira, a hipocrisia e o autoritarismo, todos os instrumentos do exercício de poder, da dominação”<sup>19</sup>. Para definir melhor este conceito, ele lança mão da existência de Arthur Rimbaud. A irrupção dos protomutantes, diz Aurélio, padrao do jovem Coiote, não é inédita, visto que, “sempre houve, no passado recente, casos isolados de protomutantes, que escandalizaram e encantaram a sociedade. Veja o caso de Rimbaud que, aos dezessete anos, já era o maior poeta da França e o exemplo mais chocante da vida em liberdade”<sup>20</sup>. Freire morreu em 2008. Até o final da vida gostava de se sentar em uma cadeira com o quadro de uma foto tirada em 1968, nas ruas de Paris. A imagem era de uma *affiche* com um desenho da silhueta de Rimbaud ao lado da pichação da palavra *autogestão*.

A grande cidade tem a rua quente “apesar das duchas de petróleo. E realmente precisaremos sacudir o vosso

uma temporada decisiva: rimbaud e a comuna de paris

espólio”, escreveu Rimbaud durante a Comuna. O poeta, enquanto escreveu e viveu escandalosamente, foi mais uma existência formada nos combates mais radicais. Nos 150 anos de aniversário da Comuna de Paris, seus versos se atualizam. Em vez de mais uma homenagem, mera efeméride, como o próprio jovem afirmou, precisamos novamente ouvir com atenção “os galhos quebrando”. A Comuna, agora, precisa ser reinventada.

## Notas

<sup>1</sup> Arthur Rimbaud. “Cartas Visionárias”. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno108/> (acesso em: 29/08/2021).

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Claudio Willer. Rimbaud, o rebelde. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/rimbaud-o-rebelde/> (acesso em: 29/08/2021).

<sup>4</sup> Jean-Baptiste Baronian. *Rimbaud*. Tradução de Joana Canêdo. Porto Alegre, L&PM, 2009, p. 88.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem, p. 90.

<sup>7</sup> Idem, p.119.

<sup>8</sup> Arthur Rimbaud. “Uma temporada no inferno” in *Desejos Ingovernáveis: Rimbaud e a Comuna de Paris*. Tradução de Larissa Drigo Agostinho. São Paulo, n-1, 2021, p. 97.

<sup>9</sup> Larissa Drigo Agostinho. *Desejos Ingovernáveis: Rimbaud e a Comuna de Paris*. São Paulo, n-1, 2021, pp. 73.

<sup>10</sup> Arthur Rimbaud, op. cit., 2021, p. 105.

<sup>11</sup> Idem, p. 109.

<sup>12</sup> Mikhail Bakunin. “a comuna de paris e a noção de estado” in *verve*. São Paulo, nu-sol/PUCSP, n. 10, 2006, pp. 75-100.

<sup>13</sup> Larissa Drigo Agostinho, op. cit, 2021, p. 39.

<sup>14</sup> René Char. “Fizeste bem em partir, Arthur Rimbaud”. Disponível em <http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet147.htm> (acesso em: 28/8/2021).

<sup>15</sup> Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2010, p. 113.

<sup>16</sup> Ver Gustavo Simões, “as estranhas notícias de um jornalista quase invisível” in *verve*. São Paulo, nu-sol/PUCSP, n. 33, 2018, pp. 153-159.

<sup>17</sup> Idem, p. 157.

<sup>18</sup> Waly Salomão. *Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996, p. 25.

<sup>19</sup> Depoimento de Roberto Freire no vídeo *bigode*. São Paulo, Nu-Sol/TV PUC, 2008.

<sup>20</sup> Roberto Freire. *Coiote*. São Paulo, Sol & Chuva, 1986.

### *Resumo*

*O artigo visa investigar os efeitos da Comuna de Paris na poesia de Arthur Rimbaud.*

*Palavras Chave: Rimbaud, Comuna de Paris, anarquismos.*

### *Abstract*

*The article aims to investigate the effects of the Paris Commune on Arthur Rimbaud's poetry.*

*Keywords: Rimbaud, The Paris Commune, Anarchisms.*

*Recebido em 10 de setembro de 2021. Confirmado para publicação em 25 de setembro de 2021.*

***A decisive season: Rimbaud and the Paris Commune, Gustavo Simões.***